

## ■ 5 sentidos Teatro

# As múltiplas vozes de Natália

■ No centenário do nascimento de Natália Correia, sobe ao palco 'O Dever de Deslumbrar', que parte de uma biografia desta figura ímpar da cultura portuguesa.

**Renata Lima Lobo**  
palco@timeout.com

De um lado, uma secretária e um sofá. Do outro, um toucador e uma cama. E em cada um desses espaços, duas Natálias, em diálogo, entre o presente, o passado e o futuro. O Dever de Deslumbrar é uma peça de teatro que nasce do estudo de seis anos que Filipa Martins – escritora, argumentista e jornalista – tem vindo a desenvolver sobre Natália Correia e que resultou numa biografia, lançada em Março deste ano e que dá o nome à peça. A encenação está a cargo da atriz e realizadora Ana Rocha de Sousa, que se estreia na tarefa de dirigir atores (e não só) em palco, após o sucesso da longa-metragem *Listen* (2020). Neste caso, debaixo das luzes estão as actrizes Teresa Tavares e Paula Mora, assim como a bailarina e coreógrafa Ana Jezabel, que assume em cena um lado mais onírico de Natália, com os seus movimentos de dança. O Dever de Deslumbrar – que recorda o pensamento e a vida da autora mais censurada em ditadura de uma forma não cronológica – é um espectáculo multidisciplinar, tal como a mulher que dá corpo e alma a esta história, contando ainda com música e ambiente sonoro criados por Surma (Débora Umbelino). A peça estará em cena primeiro no Teatro da Malaposta (em duas sessões esgotadas) a 10 e 11 de novembro, no âmbito do LEFFEST, um dos financiadores desta produção, e depois segue para a Escola de Mulheres, de 30

de novembro a 3 de dezembro e para o Teatro Turim, de 5 a 21 de janeiro de 2024. Assistimos a um ensaio geral e, no final, falámos com Filipa Martins e Ana Rocha de Sousa, ambas também em diálogo constante.

“Colocamos uma Natália em diálogo com a outra Natália para conseguirmos ter uma perspetiva quer sobre a evolução da vida dela, quer sobre a evolução do seu pensamento, para, na minha opinião, chegarmos à conclusão de que ela era uma mulher de uma extrema coerência, e ainda uma mulher que vem do futuro”, começa por explicar Filipa Martins, que com Natália partilha a autoria dos textos deste espectáculo. Levar Natália para o palco, e o seu constante manifesto nascido de uma inquietação nata, pareceu natural para a autora que recorda Natália como uma figura que parecia estar “sempre em boca de cena”. “É muito normal associarmos a Natália à palavra teatral. Portanto, como não pô-la em cima do palco?”.

Ana Rocha de Sousa é também uma artista multidisciplinar, enquadrando-se na perfeição neste caldo



de disciplinas que podemos ver em palco. Realizadora, atriz e artista plástica (Natália era também pintora), confessa-se feliz por esta “descoberta absoluta de uma mulher que é muito responsável pela [sua] liberdade de hoje em dia”. “E, portanto, é neste sentido que abraço o projeto numa primeira fase e depois, também, sempre muito com esta vontade de conjugação das diferentes áreas que, de início, provocam, se calhar, alguma resistência ou estranheza, mas realmente para uma mulher como ela, que estava tão à frente do seu tempo, acho que não poderia ser mais indicado.” Filipa Martins acrescenta: “Foi uma boa pintora. Aliás, foi, ao mesmo tempo, contemporânea do seu próprio mito, não é? Portanto, o texto também tenta criar aqui vários subtextos em que a imaginação, a realidade e os factos históricos dançam uns com os

outros e não há uma linearidade cronológica. Há avanços e há recuos, porque muitas vezes compreendemos melhor o passado se olharmos através do futuro.”

Nesse de trás para a frente, move-se em palco uma figura mais transcendental, uma “terceira Natália que está a expressar um gesto mais largo que as personagens só atinge através da palavra”, acrescenta Filipa, numa referência a Ana Jezabel, “uma presença, por si, diferente”, sublinha Ana, para quem esta terceira Natália tem diversas conotações ao longo do espectáculo. “Ela, por vezes, interpreta a censura e os obstáculos da vida, os grandes obstáculos da vida da Natália. Tanto da Natália como dos comuns mortais. Quer dizer que a vida é isto, que somos sempre confrontados com o que dizem de nós, o que pensam de nós, o que fazem com aquilo que nós fizemos ou com aquilo que publicamos. E, portanto, essa personagem para mim é muito esse lado dos outros, mas também é muitas vezes a presença que fica em nós de uma Natália Correia.”

E que leitura terá a sociedade atual sobre o pensamento de Natália? Filipa, a responsável por costurar esse pensamento com as suas próprias palavras, diz que estabeleceu um “diálogo com a contemporaneidade” e dá um exemplo concreto. Numa das cenas, mistura um dos poemas de Natália

com um texto mais contemporâneo sobre as vítimas de violência doméstica. “É o crime mais praticado em Portugal. Mas há vários pontos ao longo deste texto em que são criadas essas pontes e, no fundo, são recados para o presente. E os grandes vultos, os grandes pensadores, são aqueles que conseguem ser revisitados 100 anos após o seu nascimento e ainda dialogarem connosco. Eu gostaria que as pessoas se sentissem, em alguns momentos, desconfortáveis na cadeira. Porque ela não se põe num posicionamento de superioridade moral, pelo contrário. Ela é profundamente humana e, se calhar, são esses domínios, os domínios do humanismo, que têm sido secundarizados.” Sobre as lutas desta figura tão humana e inquieta, Ana Rocha de Sousa – que acredita na necessidade de nos continuarmos a debater pela igualdade entre homens e mulheres, mesmo nas ditas sociedades mais evoluídas – destaca que “Natália não fala só de feminismo”. “Natália fala, acima de tudo, de liberdade. E, se para ela, a liberdade era o pilar da vida, para mim, a liberdade de tudo e de todos, em qualquer espaço e em qualquer lugar, é o pilar da vida. É por isso que estamos aqui. E é o que permite a criação.” ■ **O Dever de Deslumbrar. Teatro da Malaposta, 10-11 Nov | Escola de Mulheres, 30 Nov-3 Dez | Teatro Turim, 5-21 Jan 2024**

